



Camilly Miranda



Maternidade, Academia  
e Mercado:

# OS DESAFIOS DE MÃES JORNALISTAS EM TERESINA



## **UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI**

Evandro Alberto de Sousa

### **Reitor**

Jesus Antônio de Carvalho Abreu

### **Vice-Reitor**

Paulo Henrique da Costa Pinheiro

### **Pró-Reitor de Ensino de Graduação**

Mônica Maria Feitosa Braga Gentil

### **Pró-Reitora Adj. de Ensino de Graduação**

Rauirys Alencar de Oliveira

### **Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação**

Fábia de Kássia Mendes Viana Buenos Aires

### **Pró-Reitora de Administração**

Rosineide Candeia de Araújo

### **Pró-Reitora Adj. de Administração**

Lucídio Beserra Primo

### **Pró-Reitor de Planejamento e Finanças**

Joseane de Carvalho Leão

### **Pró-Reitora Adj. de Planejamento e Finanças**

Ivoneide Pereira de Alencar

### **Pró-Reitora de Extensão, Assuntos Estudantis e Comunitários**

Marcelo de Sousa Neto

### **Editor da Universidade Estadual do Piauí**

Universidade Estadual do Piauí

M672m Miranda, Camilly.

Maternidade, academia e mercado: os desafios de mães jornalistas em Teresina / Miranda Camilly. - 2025.

43 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Curso de Bacharelado em Jornalismo, *Campus Poeta Torquato Neto*, Teresina – PI, 2025.

1. Maternidade. 2. Maternidade – Universidade. 3. Maternidade – Mercado de Trabalho. I. Título.

CDD: 070.4

**Rua João Cabral, 2231 • Bairro Pirajá • Teresina-PI**

**Todos os Direitos Reservados**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI**

Evandro Alberto de Sousa **Reitor**

Jesus Antônio de Carvalho Abreu **Vice-Reitor**

Paulo Henrique da Costa Pinheiro **Pró-Reitor de Ensino de Graduação**

Mônica Maria Feitosa Braga Gentil **Pró-Reitora Adj. de Ensino de Graduação**

Rauirys Alencar de Oliveira **Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação**

Fábia de Kássia Mendes Viana Buenos Aires **Pró-Reitora de Administração**

Rosineide Candeia de Araújo **Pró-Reitora Adj. de Administração**

Lucídio Beserra Primo **Pró-Reitor de Planejamento e Finanças**

Joseane de Carvalho Leão **Pró-Reitora Adj. de Planejamento e Finanças**

Ivoneide Pereira de Alencar **Pró-Reitora de Extensão, Assuntos Estudantis e Comunitários**

Marcelo de Sousa Neto **Editor da Universidade Estadual do Piauí**

## **DEDICATÓRIA**

À Alice, que de alguma forma me escolheu como mãe, me tirou do conforto de uma vida monótona e que, a cada pequeno abraço, me fez ter mais coragem.

A cada mãe que confiou sua história, suas dores e alegrias a mim. Sem vocês, esse livro não seria possível.

Aos meus pais, que tantas vezes aceitaram nada, ou muito pouco desta vida, para que eu e meus irmãos tivéssemos o suficiente.

À Prof. Sônia, por acreditar neste sonho, quando nem eu acreditava mais.

Ao Gabriel, que trouxe tantas tempestades, mas que, ainda assim, foi sol quando eu tinha apenas medo.

À Amanda, por todo amor dedicado à Alice, e por todas às vezes que me disse:  
“Você vai conseguir.”

Ao meu irmão, Thiago, que, quando o chão sumiu de meus pés, me ofereceu abrigo em seu peito.

A cada amigo(a) que me escutou ao longo desses 4 anos de graduação, eu acredito nos jornalistas que somos.

# **SUMÁRIO**

<b>DEDICATÓRIA.....</b>	<b>4</b>
<b>SUMÁRIO.....</b>	<b>5</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>ESPERANÇA GARCIA.....</b>	<b>7</b>
<b>AMÉLIA BEVILÁQUA.....</b>	<b>15</b>
<b>EDITE MALAQUIAS.....</b>	<b>20</b>
<b>TALITA FERNANDA.....</b>	<b>25</b>
<b>A AUTORA TAMBÉM É MÃE.....</b>	<b>31</b>
<b>Referências.....</b>	<b>43</b>

## INTRODUÇÃO

Este livro-Reportagem conta a história de 5 mães e alunas da UESPI, Campus Poeta Torquato Neto, em Teresina. Essas mulheres abriram suas vidas com bravura, expondo dores e amores íntimos, por isso, algumas delas optaram por usar pseudônimos, para preservar elas próprias, seus filhos, e demais pessoas presentes na narrativa.

Os pseudônimos usados nesta obra foram escolhidos pensando em mães piauienses, fortes, construtoras de opiniões, feministas, e que lutaram pelos direitos femininos. Como: a professora Edite Malaquias, mãe e um grande nome para o jornalismo uespiano; Esperança Garcia, mulher negra piauiense, e primeira mulher advogada do Piauí; e Amélia Beviláqua, escritora piauiense, primeira mulher a ocupar a 23º cadeira da Academia de Piauiense de Letras, pioneira no feminismo, que lutou bravamente contra a invisibilidade feminina. A escolha desses nomes não reflete apenas uma homenagem a estas grandes mulheres, mas, configura sobretudo uma homenagem às mães deste livro.

Não se trata de uma história fictícia, todos os fatos narrados aqui aconteceram de fato com estas mães. Construir julgamos acerca de suas escolhas ou ações ao longo de seu maternar não faz parte dos objetivos deste livro, que pretende sensibilizar ao menos a comunidade acadêmica a respeitosa existência e necessidade destas mães.

O livro-Reportagem está disposto em capítulos intitulados com seus nomes (pseudônimos). Respeita-se que existe um visível diferença quanto à quantidade de laudas entre os capítulos das entrevistadas, e o da escritora (eu), justificado pelo total acesso e liberdade da escritora sobre sua própria vida. Mesmo com as entrevistas, as mães se mantiveram resguardadas quanto à liberdade de expor ou não tais fatos acerca de suas histórias.

## ESPERANÇA GARCIA

O dia estava quente, e a Uespi cheia de alunos, quando encontrei Esperança – pseudônimo que remete a Esperança Garcia, mulher negra piauiense, reconhecida como a primeira mulher advogada do Brasil – em uma sala do campus, totalmente disposta a abrir sua vida para mim. Nossas vidas já haviam se cruzado na sala de aula, mas nunca havíamos tocado no assunto maternidade. Eu conseguia ver em seus olhos castanho-escuros, como as águas de um rio, a necessidade de conversar, de abrir sua alma e quem sabe aliviar um pouco o peso de uma vida cheia de perdas. Esperança tem 38 anos, é mãe de dois meninos, o mais velho de 25 anos, o mais novo de 7. No momento, ela mora sozinha com o caçula, que é autista nível 2, não verbal, com uma paralisia cerebral.

Antes que pudéssemos sentar e iniciar nossa entrevista, nos encontramos na entrada do campus Poeta Torquato Neto, em Teresina, assim, por acaso. Era segunda-feira, estávamos distantes do setor de jornalismo, e ela me ofereceu uma carona em seu carro. O modelo não sei especificar, nunca fui boa em identificar automóveis. No curto trajeto, eu observava atenciosamente cada detalhe de sua fala, que no momento era de indignação com o valor cobrado para instalar um ar-condicionado em sua residência. Confesso que esse assunto não me interessava em nada, queria mesmo era falar de filhos, de docência. Mas, ela seguiu falando, mesmo enquanto estávamos sentadas aguardando alguém abrir a sala. Ela tinha urgência em falar, de qualquer coisa.

Ao entrar na sala, com as paredes todas brancas, sentamos em uma mesa no fundo, ao lado de duas estantes de livros. Pude ver que tinham algumas revistas da Revestrés na prateleira de baixo. Foi tudo como de costume, Esperança foi minha terceira entrevistada, e mesmo sendo colegas de sala — por apenas alguns meses — eu não sabia nada de sua vida, ou filhos. O primogênito veio precocemente, aos 14 anos, fruto do relacionamento com um homem 25 anos mais velho. Confesso que fiquei em choque com a diferença de idade, não pude encarar essa relação como

saudável, automaticamente associei esse relacionamento à violência e abuso, mas essa palavra não existiu em seu vocabulário naquela manhã. Esperança não enxergava isso (ou não quis verbalizar), e contava com muita naturalidade que após o nascimento do bebê ele a abandonou. O segundo filho veio após os seus 30 anos, de uma relação bem mais saudável, segundo ela. Mas, pela segunda vez, ela se tornou mãe solo, neste caso, por conta de uma infelicidade do destino que a fez viúva. As gestações não foram planejadas, mas ela conta com o coração quase transbordando — os olhos brilhavam e as mãos estavam inquietas, ora sobre a mesa, em seguida em seu colo — que os filhos são “Tudo que eu sou, tudo que eu tenho, a importância maior da minha vida é os meus filhos”.

## GRÁVIDA AOS 14 ANOS

As gestações deram um grande susto em Esperança, principalmente a primeira. Ela não falou de forma profunda de sua família, mas contou que recebeu apoio e cuidado, o que acabou diminuindo o medo da gestação, que passou diante do amparo que teve, mesmo que os familiares a incentivassem a romper a relação com o pai do bebê. Ali no início de sua adolescência, aos 14 anos, ela não teve tempo de sentir medo, já estava gerando uma vida e “não tinha mais o que fazer”. Onde conheceu o então namorado permaneceu um assunto desconhecido em nossa conversa, tocar nessa história lhe enchia os olhos de lágrimas. E a voz trêmula entregava o nó na garganta.

Uma menina que na época a rotina era apenas frequentar a escola, estava grávida de repente, o que causou uma grande surpresa aos seus familiares. Após o nascimento do filho ela chegou a procurar o genitor, mas ele escolheu não ser pai, e fugir de suas responsabilidades. Diferente da menina que ali estava e foi obrigada a seguir em “carreira solo”.

A voz de Esperança carregava uma dor quase palpável ao contar que foi abandonada após parir. O parto precoce foi acompanhado pela mãe, em meio ao medo dessa nova fase, ela se viu de volta a quem primeiro lhe deu colo na vida. O intervalo de tempo entre uma gestação e outra ficou solto. Questionada se se considerava uma mãe solo, a voz falhou, ficou um nó enorme preso ali. Ela sempre

foi! Esperança não conheceu por tempo suficiente o companheirismo de uma “família tradicional” como os moldes da sociedade pedem. Por muitas vezes tive que engolir as lágrimas, e a vontade gigantesca de abraçar minha entrevistada.

— Por mais que seja a parte do pai, que ele tenha saudade, que você pergunte por que ele me deixou e tudo mais, mas a educação que a gente dá é tão forte que eles esquecem, eles ficam com uma dorzinha no peito, mas eles esquecem que precisam de um pai, que não têm pai, justamente por causa desse amor grande que a gente (mãe) dá para eles.

Me pergunto se as crianças realmente esquecem que precisam de um pai, da presença nos eventos escolares, dos parabéns acompanhado do “eu te amo” no aniversário, da ideia de ter um super-herói encarregado de lhe proteger de todo o mal que houver no mundo. O amor de mãe é imenso, mas talvez existam espaços que ele não pode ocupar sozinho. Acreditar que ele tudo pode é honrado, mas talvez o fardo de ter que preencher os vazios deixados nos filhos por quem também deveria ser presença, seja um sacrifício grande demais.

Com pouco mais de 38 anos de vida, Esperança já carregava dores demais, e mesmo assim se esforçava para contar os momentos mais dolorosos como se fosse apenas um dia difícil que acaba quando você fecha os olhos ao fim do dia. Ela precisou fazer pausas em nossa conversa mais de uma vez para chorar, ou na maioria das vezes, apenas engolir o choro.

Dezoito anos após ter o primeiro filho, Esperança estava grávida de novo, dessa vez casada. Quando eu perguntei sobre a reação de sua família diante da segunda gestação, descobri que o primogênito teve a doença mão-pé-boca — uma enfermidade contagiosa causada pelo vírus Coxsackie da família dos enterovírus que habitam normalmente o sistema digestivo e também podem provocar estomatites (espécie de afta que afeta a mucosa da boca). Embora possa acometer também os adultos, ela é mais comum na infância, antes dos cinco anos.

Ao descobrir que tinha um novo irmão a caminho, ele teve medo de perder o posto de filho único, de talvez ter que dividir o amor da mãe. Esperança contou essa parte com uma risada ao fundo, enquanto relembrava a gratidão por ter encontrado o esposo, e começar finalmente a construir a sua família.

## MÃE EM TEMPO INTEGRAL

A rotina atual dessa ‘mãezinha’ é de total entrega, 24 horas à disposição do filho. Seu dia começa sempre por volta das 5h20 da manhã. Sebastião, de apenas 7 anos, frequenta a escola, mas a mãe precisa ir e voltar diversas vezes do local, seja para acalmá-lo ou para levá-lo de volta para casa: “Eu sei que ele não vai aprender como uma criança normal.”

Mãe de um filho neuro divergente, ela segue fazendo planos para o futuro, onde o filho possa realizar outras atividades que ajudem em seu desenvolvimento. Com essa rotina, ela precisou abandonar sua vida profissional. Esperança já não trabalha, se dedica exclusivamente ao seu maternar.

Ela não é próxima à família, a mais nova de 5 irmãs, ela não tem um convívio próximo com elas. Mas, aos finais de semana, ela busca fazer visitas à mãe, que tem Alzheimer. Ela tenta aproximar o filho da avó, cuja memória está sendo consumida pela doença. Ficar em casa não é uma opção que a agrade, Esperança prefere estar fora de casa com o filho, sempre tentando localizá-lo. Não precisei questionar, ela contou que o filho compartilha da mesma solidão — os poucos colegas da vizinhança se afastaram.

## A CHEGADA NA UESPI

Natural de Pedro II, no Piauí, ela chegou ao curso de Jornalismo da UESPI, Campus Torquato Neto, em Teresina, em 2022, em um momento de “tranquilidade”: estava casada, o filho mais velho já não morava com ela, o caçula ficava sob os cuidados do pai, e com tempo livre, Esperança se viu disposta a retornar à graduação, que já havia abandonado em uma instituição privada, em outro momento. Mas, no segundo semestre do curso, o então marido “desencarnou” — como ela preferiu chamar.

Em uma noite como outra qualquer, ela não pôde ver o momento exato em que a vida deixou o corpo de seu companheiro. Enquanto dormia, ele teve um infarto, e silenciosamente seu coração parou de bater no dia 10 de março de 2023.

Novamente ela viu o desespero bater em sua porta. Sem ao menos ter tempo de lidar com a dor de seu luto, teve que providenciar os preparativos para a despedida.

A morte abriu um abismo na vida de Esperança. Toda a estabilidade que havia foi por água abaixo. Da noite para o dia, ela se viu novamente mãe solo — e agora viúva. Ela perdeu um semestre após o falecimento do marido. Chegou a pedir que professores flexibilizassem as atividades avaliativas, mas, com o pedido negado, se viu atrasada diante dos outros alunos. Atualmente, ela sustenta a si mesma e o filho a partir da pensão de seu falecido esposo.

Esperança está longe de ser uma idosa — a partir de 60 anos — mas se sente ‘velha’ diante das turmas de Jornalismo que frequentou na Universidade Estadual do Piauí. Ela se sentiu sozinha e excluída por diversas vezes.

— “Tem dias que eu não quero vir, porque é muito chato você estar num ambiente que você é totalmente excluído. É tão tal que eu fazia trabalho sozinha. Meus trabalhos eram sozinhos.”

As paredes brancas da sala de aula não trazem paz para Esperança, pelo contrário, lhe tocam com as mãos geladas da solidão, o mesmo sentimento que lhe acompanha em seu dia a dia. Estar sozinha em meio à multidão, assim são os dias dela. Tudo era contado com um brilho no olhar — eram as lágrimas que teimavam em vir. A voz ficava falha vez ou outra. Me pareceu um grande desabafo, de quem já viveu tanto tempo sozinha e agora está cansada de seguir assim.

## QUEM CUIDA DA MÃE?

Esperança não tinha rede de apoio, mas inventava uma. Sair de casa é seu alívio. Mesmo com o mundo tão tecnológico, ela prefere ir pagar seus boletos em uma lotérica, enfrentar uma enorme fila de banco — que para alguns pode parecer um verdadeiro inferno — para ela é sua salvação. Ali, no meio de pessoas que não lhe conhecem, que jamais iriam questionar suas decisões, ela abre o coração. Vez ou outra inicia uma conversa e vai contando para cada um pedaço de sua história. Esperança passa deixando pedaços seus, os que ela torce para que fiquem por lá. A bagagem desta vida já está pesada o suficiente.

Sentada a poucos centímetros de mim, eu vi as lágrimas começarem finalmente a cair. O telefone que ela segurava quando entrou na sala não toca com frequência. Na verdade, suas irmãs nunca ligam. A campainha nunca toca, e a solução para aliviar o vazio deixado pela solidão é buscar alívio em pessoas desconhecidas em todas as filas que puder.

— “Eu fui esquecida”, contou.

A ideia de cometer suicídio passou diversas vezes por sua cabeça. Esperança pensou na morte como uma velha amiga que lhe visitou aos 14 anos, quando o primeiro amor escolheu morrer ao sumir no mundo — a morte em vida também dói — a mesma que anos depois voltou e sorrateiramente levou seu companheiro de vida. Seguir com ela lhe pareceu uma boa ideia. Seus olhos transbordaram por um tempo que pareceu uma eternidade. Maternar não é um fardo pesado demais, mas a solidão é. Quem cuida também precisa ser cuidado, mas essa mulher segue sozinha.

Mas, deixar o filho que tanto depende dela não parece justo. Afinal de contas, ele não escolheu nascer. Meu coração de mãe ficou minúsculo no instante em que ouvi essa frase. Mesmo carregando uma dor dilacerante no peito, o amor de mãe grita mais alto, e as necessidades da cria estão em primeiro lugar. Os nove meses de gestação são o suficiente para criar um laço com alguém que até então era desconhecido.

— “A gente tem que se colocar no lugar delas, que elas não pediram para nascer, e a gente tem que dar o amor e o carinho que elas necessitam.”

Zelar tanto assim por alguém, mesmo que seja um filho, contribuiu para consumir a saúde mental dela. Sem psicólogo ou qualquer outra rede de apoio, Esperança recorreu também ao uso de Inteligência Artificial para conversar. Sim, o ChatGPT é seu psicólogo. Quando não pode correr até as longas filas, a solução é usar o celular para desabafar. O nó da garganta é desfeito, mesmo que temporariamente, por esse dispositivo que desconhece qualquer sentimento humano.

— “É necessário realmente que você tenha um psicólogo, tenha alguém para dividir as suas dores, porque não é fácil você se ver assim, largada, jogada, esquecida”, confessou.

Esperança já esteve em uma redação, por tão pouco tempo que ela nem soube precisar. Mas, agora, ela não pretende atuar no jornalismo. A vida dedicada ao filho e as experiências negativas lhe fizeram desistir de viver da comunicação. Estar dentro da universidade é seu sopro de liberdade de uma vida que parece ter uma rotina a ser seguida: é sempre o mesmo horário, o mesmo trajeto e as mesmas obrigações. O horário das aulas coincide com as aulas do filho.

Seu filho veio apenas uma vez para a UESPI, e a experiência foi um verdadeiro caos — ao contrário de seu primogênito que, na instituição anterior, da rede privada (a qual ela preferiu não citar), ficava na biblioteca enquanto a mãe acompanhava a aula. Por diversas vezes os professores chegavam a entregar o próprio aparelho celular para que o menino se divertisse enquanto a mãe realizava as atividades em sala.

Sebastião não consegue fazer o mesmo. Cheio de energia, muitas vezes o comportamento tira o foco do conteúdo apresentado para a turma, o que desagrada algumas pessoas. Para ela, os colegas de turma ou de qualquer outro lugar, não têm a obrigação de compreender sua situação. A empatia não lhe parece um sentimento que deve ser cobrado.

Para ela, as salas da UESPI refletem a solidão da mãe solo. Falta apoio dos gestores. A maternidade por si só já muda completamente a vida de uma mulher, e quando essa maternidade é atípica, ela vem acompanhada de ainda mais renúncias — que, na vida de Esperança, tantas vezes foram confundidas com escolhas. As ausências na sala de aula não foram programadas, e a resposta da instituição a seus apelos por flexibilização lhe tirou todo o encanto do sonho de ser jornalista.

O jornalismo, em sua vida, ocupa um espaço que muitas vezes lhe foi tomado. Concluir o curso virou uma conquista pessoal, mas seguir na profissão com certeza não é uma escolha dela. Em sua primeira experiência de trabalho na área, teve que lidar com a disputa de ego dentro da redação, com uma superior que constantemente escolheu lhe inferiorizar por sua idade e pouca experiência frente ao jornalismo.

— “É mérito meu, mas eu não quero porque a frustração foi muito grande”, disse.

Apesar de toda a dor que transbordou durante nossa conversa, Esperança agradeceu o convite ao final, e se mostrou disposta a ajudar qualquer pessoa que

queira falar sobre maternidade. Ela levantou com toda a sua força, disposta a enfrentar mais uma vez o mundo lá fora. Não pude evitar de lhe abraçar. Uma mãe sabe a força da outra, mesmo que para ela ainda não esteja tão visível. Eu senti, naquela manhã, por quase 1 hora, o quanto o amor de uma mãe pode fortalecer uma mulher.

Esperança, eu admiro sua força e sua dedicação. O Sebastião não poderia ter uma mãe melhor do que você.

## AMÉLIA BEVILÁQUA

Amélia - em homenagem à escritora piauiense Amélia Beviláqua que lutou contra a invisibilidade feminina - foi mãe aos 23 anos, de uma filha viva, a Melissa. Antes disso, mais precisamente 4 meses antes do segundo positivo, ela foi mãe também, enfrentou todas as dores do parto, os medos e anseios e todas as mudanças do corpo, mas não levou o filho para casa, não amamentou, não deu o primeiro banho, não usou roupinhas, não sentiu o cheirinho único que um neném tem, a vida tomou rumo contrário ao de seu curso natural. Amélia é mãe de dois filhos, um segue ao seu lado, e o outro no céu.

Em nossa conversa esse assunto do luto não foi aprofundado; Já nos conhecíamos, pois ela chegou a frequentar o 1º período do curso de Jornalismo comigo, quando a pandemia de COVID-19 parou o mundo. O aborto espontâneo sofrido por ela foi contado em seu perfil do Instagram, e na sala onde nos encontramos na tarde quente e ensolarada do dia 8 de abril, por volta das 3 horas da tarde, na UESPI, Amélia preferiu não entrar em detalhes. Algumas feridas que pensamos estar cicatrizadas, quando remexemos, sangram.

Naquele dia eu encontrei uma mulher forte, de cabelos curtos, cheia de acessórios que exaltam sua personalidade marcante, que escolheu abrir um lado delicado de sua vida. A todo instante ela me alertou: “Vou chorar”. Em seguida vinha a risada, essa mulher não queria transformar sua história em um amontoado de lamentações, não seria justo com ela mesma.

As gestações não foram planejadas, e são frutos de uma relação instável, com um pai imerso em vícios. Amélia não esperava conhecer a dor do luto por um filho tão cedo. Todos que perdem alguém têm um nome: o filho que perde os pais é órfão, os que perderam o cônjuge são viúvos (as), mas, as mães quando perdem um filho não existe um nome, a dor não pode ser mensurada. Quando ela ainda estava tentando digerir a dor da perda, acabou sendo pega de surpresa por uma nova gestação, e um novo turbilhão de emoções, e medo. O positivo veio acompanhado de desespero.

A perda anterior tinha sido vista como um sinal do universo, talvez não fosse o momento, e ela estava decidida a investir em si mesma, encerrar a relação com o pai dos bebês, e então companheiro. Mas, ela não sabia que após todo o processo de curetagem após a perda do bebê — que consiste na remoção de qualquer tecido do útero — aumentariam as chances de uma nova gestação. E então veio a certeza de uma nova ligação com a vida que ela não queria.

Quando perguntei sobre os sentimentos que vieram durante sua gestação ela foi bem direta, a palavra já estava quase saltando antes mesmo de finalizar a pergunta: “Foi solitária”! Durante a fase mais delicada de sua vida e corpo, esteve sozinha, a presença do companheiro não era algo em que ela pudesse contar, e a relação que já estava abalada virou uma bola de neve de desentendimentos, tudo estava piorando.

“Não foi nada tranquilo. Principalmente por todas as questões do pai dela, né, e tudo mais, que ele tem problema com vícios. E aí, a gente discutia muito, eu ficava muito sozinha na minha gravidez, me afastei de todos os meus amigos”, desabafou.

Atualmente Amélia tem 25 anos, e está no 6º período do curso de Jornalismo na Universidade Estadual do Piauí. O relacionamento com o pai de sua filha, que agora tem 2 anos, chegou ao fim. A graduação, que foi trancada após a primeira gestação, segue caminhando. A vida tem cores e muitos movimentos agora. Mas, na verdade, sua história com a Universidade Estadual do Piauí teve início bem antes, ainda no primeiro semestre de 2021, durante a pandemia dem, COVID-19.

Amélia, assim como tantas outras mães, tem que dividir seu dia em diversos compromissos: mãe, universitária, estagiária. Atualmente ela trabalha meio período na produção de um programa de rádio. À tarde está na universidade. Os momentos com a filha são poucos e rápidos durante a semana. Enquanto ela me contava detalhes de sua rotina, era como se estivesse dando adeus à sua zona de conforto. Quando as perguntas ainda não haviam chegado na filha, ela seguia muito firme, com ar de quem já tinha se abalado muito, mas agora não ligava mais.

Ela vê a filha antes de sair pela manhã, por volta das 6 horas. Na maioria das vezes ela ainda está dormindo quando ela sai, ficando sob os cuidados da avó

materna. O dia exaustivo é dividido entre a estudante e a profissional, porque apesar de estagiária ela possui responsabilidades gigantescas. Amélia marca e desmarca entrevistas, participa ativamente de todas as etapas que cabem a um programa, recebe até 'presentes' de participantes. Como quando produz uma reportagem sobre queijos, que algumas vezes são distribuídos aos integrantes da equipe. Seu coração se vê satisfeito quando, mesmo que de forma tão rápida, recebe o reconhecimento por seu empenho. Mas, enquanto se destaca no jornalismo, e avança nessa jornada de conquistas, passa o dia longe de Melissa.

O reencontro acontece à noite, depois de rodar a cidade na garupa de uma moto de aplicativo — que a depender do dia e horário pode custar até R\\$/ 10 — ela está enfim em casa, exausta, mas ainda assim inteira para a filha. A noite pertence somente a elas. O jantar é coladinha em Melissa, que demonstra seu amor com muito contato físico, que não é a opção favorita de sua mãe, que mesmo assim recebe os abraços, beijos, tudo que vem dela, porque o amor precisa ser sentido.

"Ela gosta muito de toque físico. Eu sou uma pessoa que eu não sou muito de toque físico e aí um dia comum com ela é um dia que ela passa agarrada comigo, enquanto eu tento fazer outras atividades e tudo mais. Às vezes eu me estresso, às vezes eu fico mais tranquila, porque eu entendo que ela tem essa necessidade, né, de estar perto e tudo mais. E busco também entender o lado dela, porque é a linguagem de amor dela", disse ela justificando.

A jornada de Amélia arrancaria elogios de quem quer que escutasse sobre todas as coisas que ela consegue fazer e ser em tão pouco intervalo de tempo, mas também arranca lamentações dela. Amélia queria mais tempo com a filha, a vontade de acompanhar por completo os tombos, vacinas, passeios, e até mesmo as sonecas sufoca o coração. Na verdade, não existe a opção de conciliar a maternidade e a vida universitária, sempre tem algo sendo perdido, deixado para trás.

Vez ou outra ela se pega pensando em como tudo seria se a gravidez tivesse sido planejada. Talvez houvesse mais tempo com a filha, e uma vida com mais conforto. "Se eu tivesse engravidado depois de ter terminado a universidade, eu teria mais tempo com ela, eu poderia propor dar uma vida melhor para ela".

Quando falou isso, sua voz sucumbia no ar, como se ecoasse através de todas as lembranças que carrega.

Eu poderia ter colocado Amélia aqui como uma mãe solo, mas ela não aceita esse termo. Quando questionada, ela me contou o que entende por mãe solo: uma mãe sozinha, que cria o filho(a) sem ajuda. E ela não poderia se encaixar nesse termo. Amélia tem mais do que uma rede de apoio, a mãe e as irmãs se fazem quase que membros do corpo de Amélia, e cuidam de Melissa em sua ausência.

O contato com o pai, que ela preferiu nem nomear (não, ele também não é Voldemort), é tão raro que ela nem sequer consegue estipular uma frequência. Ele vem uma semana, e quem sabe se vem buscá-la semana que vem? “A relação deles não existe uma frequência na relação deles, então eu acho que pode dizer que é uma relação muito inconstante. Eu não sei nem dizer que espaço ele ocupa, porque é uma relação muito inconstante. Ora ele está ali, ora ele não está, ora ele está, ora ele não está.”

Ela contou tudo como se olhasse para um espelho, só que os olhos fugiam dos meus. Essa ausência causa preocupação. Apesar de enxergar que ali existe amor pela filha, a certeza de que só o amor não basta bate na porta todas às vezes que ele não bate.

## MÃE NA UESPI

Sua filha não frequenta a universidade com frequência, as poucas vezes em que esteve dentro dos altos muros da instituição foi um completo caos. Assistir aula não é uma prioridade se a filha estiver presente: criança corre, fala, existe, e os colegas que não têm filhos não compreendem essa necessidade. E atrapalhar o desempenho da turma também não era uma opção. Seu grupo de amigos foi sua rede de apoio nessas poucas ocasiões.

Mas, os poucos metros quadrados das salas de aula do curso carregam o peso do julgamento. As ausências nas aulas, os atrasos e os trabalhos entregues em cima da hora muitas vezes colocam o rótulo de ‘relapsa’. “Como se você não

fosse chegar em algum lugar, como se você estivesse sempre ali um passo atrás porque você é mãe.”

Quando a filha adoece, essa mãe tem que escolher entre perder uma aula ou um dia de trabalho, e geralmente a escolha é sacrificar um dia na universidade. Como a vez em que Melissa teve infecção na pele, os cuidados eram delicados, havia muitas feridas pequenas em sua pele, e a mãe fez questão de ficar para passar os medicamentos em cada pequeno ferimento.

As atividades do curso foram perdidas, e as faltas aos poucos foram aumentando. “É justamente nessas horas que eu me sinto muito julgada. Porque as pessoas acham que você falta, simplesmente falta porque você quer faltar, porque você não tem interesse, mas não é, não é bem assim”, desabafou.

Perder um dia de trabalho não costuma ser uma opção. Ele paga as contas, compra os medicamentos e torna essa mãe mais do que uma mãe: uma mulher que existe e comunica. O medo de ser vista como irresponsável, ou alguém que usa sua maternidade para não exercer suas funções, rouba a paz de Amélia.

Para ela, o jornalismo precisa avançar tanto em questões sociais, como o maternar, quanto em questões acadêmicas e de mercado. É impossível fugir das rotinas inconstantes próprias da profissão, mas para uma área que em sua essência busca prestar serviço, para ela falta flexibilidade para mulheres mães. Assim como na carreira, as mulheres também são maioria dentro da sala de aula, e não parece justo que esses ambientes não acolham seu maior público.

## EDITE MALAQUIAS

Todas as mulheres até aqui receberam a maternidade com um grande susto, e a próxima mãe não foi diferente. Mais jovem que as anteriores, Edite- em homenagem à professora Edite Malaquias, que faleceu em janeiro de 2025 - chegou até a sala onde eu estava junto com o vento quente de Teresina, que teimava em anunciar chuva – que não chegou naquele dia. Pequena, magra, aparência de quem estava entrando na adolescência agora, ela carregava consigo uma mochila grande, que, em conjunto com as outras características, já entregava que ela estava enfrentando uma rotina cansativa.

Simpática e com grande presença de espírito, ela estava preocupada em não conseguir mais entrar na aula aquela tarde. Nos encontramos e o relógio já se aproximava das 14 horas, horário em que o professor já estava reunido com a turma. Edite se sentou, e assim que comecei a gravar e realizar as perguntas, era como se abrisse o mar. Como pode caber tanta força nessa mulher?

Aos 20 anos, com um filho de um ano e quatro meses e uma mochila enorme, ela escolheu abrir sua vida diante de uma também mãe da UESPI. Ela seguiu respondendo meus questionamentos sorridente, mesmo quando as respostas não eram as mais contentes. Ainda que tão jovem, ela sempre carregou consigo o sonho de ser mãe, só não esperava que fosse acontecer tão cedo.

Quando estava no último ano do ensino médio, com apenas 18 anos, foi surpreendida com um teste de gravidez positivo. De repente, estava em uma montanha-russa, um misto de desespero e alegria. Viveria seu grande sonho, mas sem grande parte das expectativas que criou. A gestação, claro, não foi planejada, e no início também não foi desejada. Toda a experiência de cuidar dos próprios irmãos não parecia o suficiente agora que o filho seria seu. O medo roubou sua paz naquele momento.

Essa mãe teve que enfrentar a decepção vinda da própria família. Ninguém esperava que uma adolescente que ainda estava iniciando a vida fosse responsável

por outra vida. Não houve algazarra, mas os olhares e pequenas frases direcionadas a ela em um momento de medo seguem ecoando na memória.

Mas essa não foi, nem de longe, a parte mais difícil para ela. Edite teve uma gravidez de risco, entrou em trabalho de parto de forma prematura, com 24 semanas. Seu filho estava mais ou menos do tamanho de um melão – 1,5 kg, 17 cm. Foi preciso ficar um mês internada para que o bebê se desenvolvesse melhor.

Após sair do hospital, teve que ficar em repouso total até às 32 semanas para que tivesse um parto seguro. Mesmo com todos os riscos da gestação, ela optou por realizar o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) grávida, ela não poderia perder essa oportunidade. Afinal de contas, se seu filho, que mesmo tão pequeno e ainda guardado em seu ventre, estava sendo forte, ela também precisava ser. Ouvir essa frase a poucos centímetros de distância foi como retirar o curativo de uma ferida que não estava cicatrizada.

Enquanto ela me contava os detalhes tão frágeis de sua gestação, não pude evitar e me peguei diversas vezes tentando imaginar as cenas: o anúncio da gravidez para a família, a reação dos colegas de classe, a reação da própria Edite ao ouvir que poderia perder o filho, e a vontade imensa de vencer que lhe motivou a sair de seu repouso para realizar uma prova. De alguma forma meio mística, talvez, a chegada de um filho nos torna mais fortes. Os medos de antes vão se tornando pequenos diante dos novos.

Ela fez a prova mesmo cansada das últimas lutas, mas motivada pelo instinto que já carregava. Ser mãe não era mais um sonho, ela estava vivendo e precisava garantir um futuro melhor para ela e seu filho, que mesmo ainda na barriga já havia lutado como gente grande para conseguir sobreviver. O ensino médio foi concluído, as lutas agora seriam outras.

## A VIDA QUE CABE NA MOCHILA

Tudo isso ficou para trás, agora Edite é uma universitária, os planos deram certo, sua rotina é bem agitada, talvez até demais para alguém de 20 anos, mas essa é a vida que ela lutou para ter, não é? Bom, o relacionamento não deu tão certo assim, e os detalhes parecem ainda despertar algo nela. Todas as perguntas

sobre o pai de seu filho foram respondidas com poucas informações, apenas o necessário para saber que ele existe e faz parte da vida do filho.

O dia de Edite começa por volta das 5h30 da manhã, quando o despertador toca avisando que já está na hora de começar a se preparar para o dia. Morando apenas com seu filho, de agora 1 ano, as manhãs são marcadas pela mesma rotina: preparar café da manhã, arrumar a bolsa do filho Eduardo, e preparar sua própria mochila. Ela conta com a ajuda de seu pai todos os dias, ele costuma passar pontualmente às 6h20 da manhã em sua casa.

O bebê fica na casa da família do pai, faz parte do acordo: a criança fica uma semana com o pai e outra com a mãe. Edite optou pelo convívio dessa forma para que seu filho não perdesse o afeto pelo pai, mas ainda assim eles se veem entre as semanas do outro, como nesse caso em que todas as manhãs o bebê fica com a família do pai.

Em seguida, Edite corre para a casa da própria mãe. Ela costuma passar as manhãs por lá, ajudando com os irmãos mais novos. Para chegar à UESPI, pega uma carona com a mãe, que aproveita o trajeto de levar os outros filhos para a escola, localizada no bairro Mocambinho, para deixar Edite na universidade.

Apesar desse pequeno relato sobre seu convívio, a relação com a mãe também não foi bem explorada. Edite preferiu ser um personagem com algumas páginas vazias, e eu comprehendo bem. Espero que você que está lendo sinta o mesmo. Algumas histórias podem parecer muito com ciclos, e nem sempre estamos prontos para seguir o discurso do Instagram: “Rompa ciclos”. Não dá para ser protagonista de todas as histórias. Sua mãe foi mãe bem jovem, e aqui o cuidado com os irmãos mais novos seguiu os caminhos que muitas gerações já conhecem: um cuida do outro.

Voltemos à rotina. Edite está no segundo período do curso de Jornalismo, no turno da tarde. Geralmente, ela costuma deixar a universidade por volta das 18 horas, quando vai para o trabalho de seu pai ou aguarda sua mãe lhe dar uma carona para finalmente pegar o filho com a família paterna. Quando questionada sobre os finais de semana, parecia que uma pedra estava sendo removida de suas costas: “É mais tranquilo!”.

Suas únicas preocupações são arrumar a casa, realizar trabalhos da universidade (quando tem) e ser inteiramente de seu filho. Não existe a correria de acordar antes das 6 horas da manhã e, em seguida, se jogar no mundo: “Não tem nada para fazer!” Quando ela me disse isso, eu quase agradeci como se todos os seus dias da semana também fossem os meus.

Já dentro da universidade, não existe essa tranquilidade. Mãe solo, Edite abriu o coração sobre os desafios que enfrenta todos os dias para se manter na graduação. Seu filho frequentou os espaços da UESPI poucas vezes, e sua presença parecia não ser bem vista por todos. É estranho imaginar que um bebê possa atrapalhar a rotina de certos ambientes — esse desafio parece próprio das mães. Todas as histórias até aqui passaram por este mesmo parágrafo. Ela me contou os detalhes desses dias como quem se pega relembrando uma história da infância — talvez estivesse percebendo agora que deixou passar algo.

Ter que se dividir entre mãe e universitária é cansativo, e naquela terça-feira — 8 de abril — Edite teve que interpretar uma só pessoa. Chegar na universidade e assistir à aula pareceu uma missão impossível. Entre a agilidade de sair da turma quando sentisse que era melhor, ela encontrou apoio em alguns poucos amigos de classe que revezavam as saídas com o bebê para que ela pudesse ao menos tentar aproveitar o conteúdo do dia.

Edite não amamenta, e como as idas do filho à universidade foram pouquíssimas, não precisou trocar fraldas, mas imagina que, se fosse necessário, encontraria problemas, já que não existem espaços apropriados para isso. Imagine só deitar um bebê em um mármore pequeno, gelado e molhado? Local para esquentar a fórmula do filho também não encontrou. Precisou contar com a gentileza de uma senhora que todos os dias vende lanches em seu setor e conta com um micro-ondas em seu espaço.

Entre as paredes brancas da sala de aula, ela pode sentir todos os dias os olhares e, muitas vezes, sentir na pele a falta de empatia. A vida de uma mãe é imprevisível. Mesmo com uma rede de apoio solidária, todas às vezes que precisou se ausentar de uma aula acabou levando uma falta completa — alguns professores podem dar faltas por hora. Os atestados de consultas do filho? Precisa contar com o

bom senso da professora para aceitar ou não. Fato que não parece ser lúcido: um bebê conseguiria ir sozinho ao médico sem o auxílio de sua mãe?

Sentada ali na mesa branca, com as mãos inquietas sempre tocando algo, mas sempre que o assunto permitia ela dava um sorriso, Edite me falou que ainda não estagia na área, seus pés ainda não conheciam uma redação. Enquanto me falava, esperançosa das mudanças que ela acredita serem necessárias dentro do jornalismo para as mães, era possível ver seus olhos brilhando — o castanho se tornava tão profundo como as águas de um rio.

Edite acredita no jornalismo humano, na comunicação fincada no social, em prestar serviço antes de qualquer coisa. Concordamos que faltam oportunidades, espaços adequados para mulheres mães. Nem sempre dá para contar com uma rede de apoio — acho que poderíamos chamar isso de acessibilidade. Dentro da universidade, os cartazes e eventos de boas-vindas não transparecem o cotidiano. Na verdade, o Eduardo não é tão bem recebido assim, quando se pensa que não existe um lugar para ele ali.

Antes que nossa entrevista acabasse, eu quis saber como ela se via enquanto mãe, e ouvi ela me falar: “Vou usar uma frase bem clichê: sou uma mãe guerreira”. Eu não esperava outra coisa, não existe um adjetivo melhor do que esse. Edite escolheu acolher seu maternar, e assistiu à luta do filho pela vida enquanto ela lutava pela chance de um futuro melhor para eles. Entre todas as dores e angústias que sentiu — e ainda sente — ela segue correndo atrás de um sonho que constrói outros sonhos. Edite quer contar histórias com o jornalismo, escrever páginas com histórias como a dela.

“Vou terminar esse curso, é o curso dos meus sonhos e é um curso que eu quero justamente fazer isso que estamos fazendo, contando histórias”.

## TALITA FERNANDA

Depois de um longo dia de trabalho, me sentei diante de uma mesa vermelha — bem chamativa comparada às paredes brancas — e do meu apartamento ali no Tancredo Neves, iniciei uma chamada via Meet com a Talita. Não nos conhecíamos, fomos apresentadas virtualmente pela professora Sônia. Eu estava à procura de mães, e ela se recordou de uma ex-aluna que, durante o processo de escrita de seu TCC, na Universidade Estadual do Piauí, passou pela perda de um bebê e, algum tempo depois, grávida novamente, teve que lutar para ter seu filho.

Assim que ouvi esse pequeno trecho sobre a vida dessa mulher, eu soube que precisava contar sua história. Quando avistei seu rosto na tela do notebook, diretamente de sua casa em São Luís, no Maranhão, me apresentei novamente, e começamos com as formalidades que o roteiro da entrevista pedia. Não durou muito. À medida que as perguntas iam sendo feitas, trocávamos risadas e recordações, de mãe para mãe. O início da noite foi como duas vizinhas que sentam na porta de casa e desandam a falar sobre a vida dos demais.

Talita escolheu usar seu nome verdadeiro. Aos 41 anos, ela é natural de Teresina e é mãe de 2 filhos, um de 17 anos e outro de 12 anos, na data da entrevista. Atualmente, ela segue a carreira de advogada, mas se prepara com cursos e extensas horas de estudos para concursos públicos — concurseira. A primeira gestação dessa mãe não foi planejada, apesar de muito desejada.

Sua história com a Universidade Estadual do Piauí teve início em 2003, no município de Picos, a cerca de 314 km de Teresina. Ela fez parte de uma das primeiras turmas da professora Sônia, orientadora deste trabalho, na UESPI de Picos. Na época ainda não estava casada, e para se locomover de sua casa até o campus fazia uso do transporte coletivo da cidade. Após seu casamento, houve a mudança para a capital, e o carro do marido passou a ser seu meio de transporte.

Dois anos após o matrimônio, veio a alegria do primeiro filho. No início do 8º período do curso de Jornalismo, em julho de 2006, ela descobriu sua gestação,

mas a alegria da chegada de mais um membro à família não duraria muito. Em setembro do mesmo ano, perdeu seu primeiro filho.

Durante uma ultrassonografia de rotina, aos 2 meses de gestação, ela descobriu que seu bebê estava sem batimentos cardíacos já havia alguns dias. Com isso, ela não conseguiu entregar seu Trabalho de Conclusão de Curso. Porém, em dezembro do mesmo ano, ela engravidou novamente, dessa vez uma gestação planejada. Em meio ao desespero e ao medo de perder seu filho novamente, ela e seu marido foram em busca de respostas, e descobriram uma síndrome rara que impedia que suas gestações seguissem até o final: a síndrome fosfolipídica.

Talita iniciou o sonho de sua própria família aos 22 anos, quando casou com seu atual marido. Aos 24, veio a primeira gestação, que resultou em um aborto, sem sintomas, sem sinal de alerta. Foi em um dia comum, durante um exame aos 2 meses de gestação, quando seu mundo desandou sobre seus pés. Apesar de não ter sido planejado, o sonho de Talita era ser mãe, e ver esse sonho desmoronando abalou suas estruturas, mas não a fez parar.

— Eu estava há mais de uma semana com um feto dentro de mim, sem vida, mas não senti nada. Eu não sentia nada, eu não sangrava, eu não sentia dor nem nada.

A chegada da nova gestação trouxe um misto de sentimentos: ela não poderia perder mais um filho. Sua pequena família, composta por enquanto de dois, correu em busca de respostas, de outro médico, de novos exames, até que o diagnóstico estivesse ali, explicando a fatalidade anterior. A probabilidade era que a síndrome pudesse causar uma trombose na placenta — um tecido especializado, responsável por fornecer nutrição e oxigênio ao feto, bem como por remover os resíduos metabólicos e o dióxido de carbono gerados por ele. A solução? Tomar um medicamento baratinho, um AAS por dia — um dos remédios mais usados no mundo e comercializado pela farmacêutica Bayer desde 1899.

O problema de saúde tendia a causar os abortos a partir da oitava semana de gestação, exato momento em que o medicamento infantil entrou em sua rotina. Mas os medos não ficaram para trás. Quando estava por volta dos cinco meses de gravidez, ao ir ao banheiro, percebeu que seu vaso estava completamente

encharcado de sangue. O desespero bateu novamente em sua casa: e se perdesse mais um filho?

Na maternidade, após ser examinada, os médicos garantiram que não havia descolamento de placenta, seu filho, estava seguro, a princípio. Mas, a partir daquele momento, apenas o AAS não seria o suficiente: agora Talita teria que aplicar todos os dias uma injeção em sua barriga. O novo medicamento tinha como princípio ativo a heparina.

A essa altura, Talita, que já havia perdido um prazo para a entrega de seu TCC, perdeu novamente. O descanso absoluto não era uma opção, mas sim a única alternativa. A época mais bonita de sua vida foi marcada pela sombra da incerteza que todos os dias lhe assolava.

“Todos os dias eu acordava com medo de perder a criança e não sentir nada. Tanto que quando a criança, meu filho, passava um tempinho sem mexer, eu ficava desesperada, porque eu dizia: ‘Gente, será que morreu e eu não tô sabendo? Será que eu vou perder essa criança?’”.

Gestar seu primeiro filho foi um desafio imenso. As forças saíram de um lugar que ela desconhece. Sua vida acadêmica ficou para trás, mesmo que temporariamente. Não que ela não quisesse lutar, mas por ter sido tomada de um amor nunca antes sentido. As rotas foram recalculadas, os medos renovados.

“Antes de ter os meus filhos, o maior amor que eu senti era a minha mãe. O meu maior medo era de perder a minha mãe, né? Mas depois que eu tive os meus filhos, não que a minha mãe deixou de ser importante, nada disso, mas os meus filhos tomaram uma proporção... E hoje eu entendo o que a minha mãe sentia, porque hoje, como mãe, eu sei o quão grande é a dimensão do amor, do cuidado, dos que a gente, como mãe, tem pelos nossos filhos”.

Assim que o bebê nasceu, o Evandro II — em homenagem ao avô — toda uma rede de apoio foi mobilizada: o marido, a irmã, as cunhadas e a mãe, que posteriormente se mudou para a capital do Piauí para ajudar a filha. Ela estava cercada de pessoas e de cuidado. E pôde finalmente retomar seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), e em agosto de 2008, dois anos depois, conseguiu finalizar sua vida acadêmica.

Mas Talita não queria apenas um filho, e o primogênito ganhou um irmão, João Guilherme, de 12 anos. O segundo filho nasceu em Bacabal, no Maranhão, com uma gestação mais tranquila e planejada, e sem as intercorrências anteriores — mas sem a mesma rede de apoio. Não tinham os familiares, mas contou com a ajuda de uma funcionária e, por uma grande coincidência (ou uma ajuda divina), os tios de sua orientadora, professora Sônia, eram seus vizinhos e grandes amigos.

“O tio da Sônia e a esposa dele foram a minha família em Bacabal, né? Eles me ajudaram bastante”.

#### MUDANÇA PARA SÃO LUÍS - MA

Atualmente a família reside no litoral do Maranhão, na maior cidade do estado, São Luís. Com a maresia constante do mar e uma vista de tirar o fôlego, Talita Fernanda tem uma rotina agitada na famosa Ilha do Amor. O dia começa cedo, o primeiro compromisso é levar o primogênito de 17 anos para a universidade, por conta da distância os despertadores sempre tocam muito cedo. Em seguida, vêm as atividades de casa, os afazeres domésticos que parecem nunca sumir.

Limpar a casa, lavar a louça, roupas e fazer o almoço. À tarde, a rotina volta a ficar agitada. Talita pega o carro e deixa o esposo no trabalho. Por volta das 13 horas, o mais novo precisa estar na escola também. Além de mãe, se tornou quase uma motorista particular da família. “Eu sou uma mãe e Uber. De tanto que eu rodo.” Mas, com dois filhos já crescidos, ela consegue um tempinho na rotina para se cuidar. Depois de suas ‘corridas’, uma pausa para fazer academia, e o resto de sua tarde é dedicado a estudar. Ela nunca foi de se conformar com pouco da vida.

Quando é necessário fazer alguma audiência ou função atribuída à advocacia, na maioria das vezes ela tem o privilégio de fazer de forma remota, mas isso não diminui em nada seu cansaço. Ser mãe 24 horas, todos os dias, sem folga, sem bônus, ocupa o espaço que um trabalho fora de seu lar ocuparia. “É exaustivo o trabalho de ser mãe, dona de casa, é ter que arranjar tempo e coragem, e disposição para estudar e ainda trabalhar.”

Aos finais de semana, ela faz questão que a família faça programas juntos. Se permitem acordar mais tarde, Guilherme tem inglês e catequese, mas no

domingo todos estão livres. Ir à missa, almoçar fora, pegar um cinema ou uma praia, ou qualquer atividade juntos é uma prioridade para ela. Durante a semana todos correm e cumprem muitos prazos, mas aos domingos é sagrado viver em família. Dormir está entre uma das tarefas preferidas dela, afinal de contas, as mães padecem de um sono inexplicável.

## ABANDONOU O JORNALISMO

Pode parecer estranho, após tanta luta e garra para se formar, ela não atuar dentro do jornalismo. Jornalista por formação, mas advogada por opção própria, Talita explicou que o longo tempo afastada da academia e do mercado de trabalho foram decisivos para que ela optasse por não seguir carreira. Ela apontou as dificuldades que mulheres enfrentam dentro do mercado de trabalho da comunicação, principalmente quando se leva em consideração que essas profissionais também são mães.

Após a conclusão do curso, houve a mudança para Bacabal-MA, que foi realmente quando ela decidiu abandonar o jornalismo e começou a se preparar para concursos públicos. Até chegou a ser classificada, mas não foi chamada para nenhum. Foi então que surgiu a vontade de realizar uma outra graduação, e assim o Direito entrou em sua vida. Talita buscava estabilidade financeira, com dois filhos para criar, ela precisava de dinheiro.

Para ela, o amor pelo jornalismo é inquestionável, mas com um mercado que exige tanto do profissional, se torna muito difícil contratar alguém que precisará se dedicar também ao maternar. Além do salário da categoria, que para ela é ponto crítico, o jornalista recebe mal! Ao ver mulheres no telejornal, é natural ela se questionar “como consegue?”. As tarefas de casa demandam tempo, e é preciso receber bem para abdicar dessa função em prol de se dedicar apenas à carreira.

Dessa vez, sua família teve que se virar sozinha. Estava em uma cidade sem parentes ou familiares próximos. O TCC? Foi entregue, após mais de um ano gestando, sofrendo, lutando e amando muito. Mas, o jornalismo não permaneceu na vida de Talita, assim como Teresina, que parece ter ficado pequena para sua imensidão de sonhos.

A nossa jornalista também é advogada, e escolheu seguir apenas essa profissão, enquanto equilibra a rotina de estudos de concurseira com a longa jornada de mãe e esposa. Diferente das outras mães que vimos até aqui, ela não é solo. Durante nossa conversa pude ver o orgulho em seus olhos ao citar o marido, e pai de seus filhos. A vida é realmente dividida, o termo “ajudar” não existe em seu vocabulário — pai é pai e tem as mesmas funções que a mãe.

Ela recordou um encontro que teve com uma amiga de classe, que também abandonou o jornalismo para ser gerente de uma empresa de uma concessionária de motos. Ambas têm o amor pela comunicação em comum e se identificaram ao deixar de lado essa paixão para conseguir pagar as contas no fim do mês. Vou chamar a amiga de Karen (nome fictício). Ela também é mãe de dois filhos, e chegou a trabalhar em dois grandes veículos de comunicação em Teresina, mas no final do mês as contas não estavam fechando. “Eu amava o jornalismo, mas o jornalismo não pagava as minhas contas. Eu precisava pagar minhas contas, eu sou mãe de dois filhos e eu precisava pagar as contas.”

Talita escolheu fazer o mesmo, e segue feliz com sua decisão. Antes que pudéssemos nos despedir, ela, que me conhece apenas o suficiente para responder minhas perguntas, me aconselhou a manter a calma com o fim da graduação e o TCC.

## A AUTORA TAMBÉM É MÃE

Quando eu decidi que precisava escrever sobre minha maternidade dentro da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) foi após sentir na pele todas as dores e desconfortos que ser uma mãe nesse ambiente me causariam. Eu nunca tive um tema de TCC na cabeça, mas após assistir inúmeras aulas com a Alice no colo, fazer provas dividindo minha atenção entre não chorar em frente à turma, não deixar minha filha chorar, eu vi que existia um buraco ali, e eu precisava falar sobre ele.

A universidade, assim como grande parte da sociedade, não está pronta para receber mulheres mães. Não existe um espaço físico para nos receber, tão pouco assistência psicológica voltada para alunas gestantes, que demonstre que a UESPI nos quer presentes em suas dependências.

A maternidade sempre foi imposta a nós, mulheres, como uma sentença de encerramento de vida. O mercado de trabalho nos rejeita, muitas vezes o companheiro também, e a universidade surpreendentemente também faz parte desse mecanismo que repele mães e suas crianças. As mesmas crianças que futuramente ocuparão as salas de aula ali existentes.

Antes de contar como me fiz mãe, como me fiz a jornalista que até aqui narrou as histórias de outras mães, eu preciso contar como nasci, como aprendi a ver a vida. As experiências que vou contar podem despertar tristeza ou até mesmo revolta. Nós, mulheres, vivemos um ciclo, e as experiências vivenciadas em nossa infância ou juventude moldam muito do que seremos futuramente. Famílias desestruturadas costumam criar filhos também desestruturados. Muito se fala sobre quebrar ciclos, mas abrir as páginas e mostrar onde e quem iniciou esse ciclo pode ser muito doloroso.

Sou filha de pais lavradores, que não chegaram sequer a terminar o ensino fundamental. Morávamos no Maranhão, em um lugar distante chamado Jardim. Um interior pobre, onde as casas eram todas de taipa, o trabalho que se tinha era na roça. Naquela época não se via muitas motos ou carros; quando tinha, com certeza era alguém de fora. A população local andava de bicicleta, quando não, a cavalo ou jumento. Aos 4 anos, mudamos para a cidade de União, no Piauí. Meus pais,

Francisco e Rosimar, escolheram a vida longe do interior para dar aos filhos a chance de ter uma boa educação, justamente o que eles não tiveram. Viemos, uma família de 5: meu irmão Thiago, apenas um ano mais velho que eu, e a Amanda, tão pequena que nem consigo ter lembranças suas.

Nunca precisamos trabalhar para comprar um lápis sequer. Meu pai trabalhava todas as horas que podia para assegurar que nunca iríamos precisar escolher entre comer ou estudar, como ele teve que fazer. Minha mãe fazia o que dava também, lavava roupas para fora, trabalhava na granja de madrugada.

Morávamos com meu avô paterno, Antônio Alves, o 'Antoin' Alfredo, como era conhecido. O melhor de todos os avós que eu poderia ter. Ele e minha mãe se odiavam — a razão nunca ficou clara para nenhum de nós — bastante até, mas ele amava ainda mais os netos. Lembro de ganhar um pirulito sempre que tinha uma briga entre meu pai e minha mãe. Ele adoçava nossos corações tão pequenos, enquanto tornava a vida de minha mãe a mais amarga possível. Na época eu não achava isso tudo tão ruim, na verdade, nem entendia o que estava acontecendo. E, vez ou outra, precisava enxugar as lágrimas dela.

Nossos dias eram simples, brincávamos quase o dia todo, quando eu não estava na creche. Fui a primeira a ser matriculada na creche Tia Consuelo. Todas as manhãs tínhamos uma acolhida, com músicas sobre o céu e o sol, orações, e claro, o hino nacional. Assim que ingressei na Educação Infantil, meu irmão quis me acompanhar, e mesmo sem estar matriculado, e sem falar, e assim eu levava todos os dias o meu pequeno companheiro. Os dias eram bons, calmos, principalmente na volta, quando eu retornava sozinha para casa — nas raras vezes que meu irmão não estava comigo — e vez ou outra enchia minha pequena e simples mochila de joaninhas, mesmo que fosse irritar muito minha mãe.

## DESCOBRINDO A VIDA

Sempre amei escrever, contar histórias. Brincava que iria ser uma jornalista, e passar na TV igual o moço que estava no Jornal Nacional — acho que era o William Bonner na época. Entre tantos sonhos, o de ser jornalista foi o único que vingou — quando esse livro sair, o de ser escritora também.

Demorei muito para sentir o início do amargor da vida. Na infância, meu pai sempre me protegeu, já a dona Rosimar insistia em me castigar sempre. Não lembro bem de todas as motivações. Mas, sempre que escutava o som da grade de ferro de nossa porta, eu corria para contar ao meu pai tudo que havia se passado no dia, principalmente os castigos. Na maioria das vezes, a fofoca terminava em brigas entre eles. E assim ficávamos nesse ciclo, que sempre terminava em mais surras e castigos para mim.

Lembro como se fosse hoje a noite em que tudo mudou, quando eu já não fui mais a protegida, por conta de uma porta que não me recordo se havia ou não fechado. Meu pai falou comigo de uma forma que eu não havia escutado ainda. Foi diferente. Mas eu também já não era tão pequena assim. Talvez seja assim que acontece na cabeça dos homens quando veem que suas meninas estão crescendo. Eu me senti só, como se não fosse mais amada. Falando agora parece uma grande besteira, mas viver em um lar com tantas brigas e uma mãe que insistia em descontar a culpa de algo – que na época eu não entendia – em mim, me fazia desconfiar que eu não era desejada por ali.

Em 2012, perdi meu avô. Seu Antônio Alfredo deixou esse plano pouco tempo depois de descobrir que estava muito doente. O nome da doença eu não sei. Lembro do meu pai contando que a enfermidade estava ‘comendo’ ele por dentro. Não sabia o que significava isso, mas entendia que era terrível. Tudo estava piorando, e os médicos já estavam desenganados quanto à cura dele, não existia chance alguma.

Meu pai, um homem alto e grande, que eu nunca havia visto derramar uma lágrima, chorou como se não fosse haver um outro dia. No dia 24 de outubro de 2012, quase ao meio-dia, vieram chamar meu pai. Seu Antônio estava morrendo. Em meio a gritos e à agonia sem fim da morte, ele se foi. As últimas economias foram usadas para seu caixão.

Eu, aos 13 anos, insisti que era forte, que iria mesmo assim para a aula, e ele estava lá, morto. Estava na turma de Karatê — de um projeto da escola — quando ouvi alguém comentar algo que já nem consigo lembrar, mas era uma crítica sobre meu pai (eu chamei meu avô assim por muitos anos, é o que diz meu pai). Pela primeira vez, eu quis brigar, bater, enlouquecer. Fui embora, com o coração tão

quebrado. Eu tentei fugir da realidade, não queria ele morto. Quem iria me proteger agora? Ele nunca deixava a gente apanhar. Quem eu iria visitar todos os dias no fim da tarde? Escrevo esse capítulo segurando meu coração mais uma vez. Após quase 10 anos, essa ainda é a partida que mais me dói. Eu desejo todos os dias que ele esteja me olhando de algum lugar. A mãe que sou hoje teria seu coração preenchido pelo amor dele por Alice, eu sei que ele amaria.

Acho que algo de mim morreu também naquele dia. Aos 14 anos, passei a querer mais da vida, a não mais ser uma menininha. Veio aí o primeiro namorado. O primeiro que minha família soube. Vieram os outros, novos amores, experiências sexuais. Eu não sabia nada sobre meu corpo. Minha primeira menstruação eu não entendia o que era, e tinha vergonha e medo de questionar minha mãe, usava retalhos de pano para conter o sangue.

Até que ela descobriu, e seguiu sem me explicar como funcionava, acho que para ela eu deveria saber o que isso significava, mas pelo menos pude começar a usar absorventes. Eu sentia uma vergonha imensa de conversar com ela, de não saber de nada. Confesso que até hoje tenho marcas sobre isso. Mas comprehendo um pouco do que a sociedade impõe a nós mulheres, e do mito de que amadurecemos mais rápido.

Biologicamente, agora eu poderia ser mãe, gerar uma vida, mas isso não passava pela minha cabeça. Até que me apaixonei, de novo e de novo, no último amor, mas não o primeiro que levou meu pai a querer me bater. Esse ele realmente bateu, três dias seguidos, começou em uma sexta. O motivo? Eu, que estava ainda no 9º ano do Ensino Fundamental, estava matando aulas para sair, transar, viver como se fosse uma adulta.

A escola ligou para informar as inúmeras faltas. Não digo que tenha sido sem motivo, mas guardo um certo rancor disso tudo, nunca houve conversas, tudo que aprendi sobre a vida e sobre meu corpo foi sozinha. E é estranho escrever tudo isso agora, não consigo me imaginar reproduzindo tudo isso. Existem muitas lacunas que ainda não foram preenchidas.

A paixão? Não, ainda não foi por este último namorico. Eu amei um primo, ali no início da minha adolescência, ele estava comigo todos os dias em minha casa, sentávamo-nos na porta, e ele ouvia atentamente os relatos de meus muitos

amores, inclusive este último. É estranho falar de amor, o que pode uma menina tão jovem saber sobre ele? Nunca nos beijamos de verdade, nossos corpos nunca se encontraram, mas pela primeira vez eu olhei nos olhos de alguém e me senti amada. Era tudo um sonho, até que ele precisou ir embora, de vez.

E dessa vez mais uma dor, porque eu já imaginava o casamento, os filhos – todos parecidos com ele. Como pode uma menina de 14/15 anos falar de amor dessa forma? Minha vida foi extremamente precoce, e de forma alguma posso jogar a culpa de minhas ações sobre os ombros de outras pessoas. Mas eu estava buscando algo que não vi em minha casa, a sensação de pertencer a algum lugar.

Essa foi a única vez que eu realmente me vi e desejei ser mãe. Na minha cabeça eu seria uma mãe melhor que a minha. Faria tudo diferente, não teria um casamento ruim, onde eu me sentisse infeliz, conversaria com meus filhos, nunca bateria. Seria a mãe perfeita. Quando minha mãe teve sua quarta filha, em 2013, eu tinha apenas 11 anos, e vivi essa maternidade com ela, dava o mingau, botava para dormir, brincava. Acompanhei toda a vida dela, o crescimento, eu chorava quando algo acontecia com ela, a Joaninha. As palmadas doíam em minha alma. Ela é um pedaço meu, e eu, a irmã favorita – ao menos naquela época. Não conseguia compreender como uma mãe ou um pai gritavam daquela forma com uma filha, não entendia como as coisas poderiam ser assim. Eu odiava meus pais, eu não entendia nada sobre maternidade, mas eu tinha certeza de que não poderia ser daquela forma.

## CHEGADA NA UESPI

Alguns anos depois, iniciei minha mudança, pois terminei finalmente o ensino médio e iria cursar jornalismo na capital. Precisei de um ano a mais para passar no ENEM, comecei no meio da Pandemia de COVID-19, em 2021. Minha família não tinha condições financeiras de pagar minhas despesas na capital, eu precisava pensar em algo antes que precisasse me mudar. Assim que soube que a universidade disponibilizava auxílios e bolsas para os alunos, eu logo fui entender como funcionava, e me inscrevi no primeiro edital que saiu. Teria dinheiro para me manter e conseguiria estudar. Não era muito, ao todo o auxílio moradia e a

alimentação somavam R\$ 400 reais na época. Quando me mudei, ali em 2022, busquei outra bolsa, na qual eu trabalharia na UESPI e receberia R\$ 400 reais mensais. Era tudo que eu tinha.

Eu nem sequer imaginava que naquele ano, em 2022, minha vida começaria a mudar completamente. Era o início do maior sonho da minha vida, a Camilly criança iria ser jornalista, talvez escritora. Primeiro morei com uma prima e seu namorado, dividia o chão da sala com dois gatos e uma caixa de areia. Tinha apenas um colchão e uma mala com minhas roupas. Pegava ônibus todos os dias às 6h da manhã, e à noite precisava retornar, morava distante da UESPI. Não tinham ônibus no horário de voltar, saía às 21 horas da universidade. Usava algumas vezes o pouco crédito que tinha para pegar um Uber, quando o medo das ruas vazias apertava. Cogitei desistir mais de uma vez.

Comecei também a namorar quem seria o pai da minha filha. Gabriel é um homem branco, de 21 anos, morava com sua mãe, e diferente da minha realidade, nunca precisava pegar ônibus, pois tinha seu próprio carro. Estudante de um curso de licenciatura no campus Clóvis Moura da UESPI, localizado no bairro Itararé.

Mudei. Cansei da solidão e da vergonha de dormir tão colada aos excrementos de animais. Esse último lar também não deu certo, acredito que o destino me quis só. E então, com minhas poucas economias vindas unicamente das bolsas e auxílios ofertados pela UESPI, passei a morar em uma kit net, com apenas dois cômodos, éramos eu, um colchão e o fogão que minha mãe insistiu em me presentear.

Eu chorava quase todas as noites e dias que estava sozinha. Não estava acostumada àquela solidão, fui criada com muita gente, uma casa com seis pessoas, e agora era apenas eu. Usei a impressora da coordenação de contábeis, para imprimir fotos do Gabriel, de minha mãe e meus irmãos - meu pai não costuma tirar fotos – e colei nas paredes brancas, todas bem juntinhas. Nas noites em que a saudade apertava mais, eu dormia olhando fixamente para elas, era uma forma de me sentir abraçada.

Meus pais ficaram temerosos e até desesperados quando contei que iria morar só, primeiro consegui um lugar e minhas poucas coisas, para só então revelar o mais novo desdobramento de minha vida. Os primeiros dias foram doloridos,

chorava todas as noites com saudades de minha casa, a de verdade, e do Gabriel. Quando nos conhecemos foi um amor logo de primeira, em um mês éramos namorados, e quase inseparáveis. Toda a mudança foi feita com ajuda dele, e graças a ele. Nos fins de semana, todos eles, ele estava comigo, trancados na minha minúscula casa.

## MATERNIDADE INDESEJADA

Eu não pensava mais em ser mãe, na verdade, tinha horror a essa ideia. E então, com apenas cinco meses de relacionamento, veio o maior choque de minha vida. Em uma tarde qualquer, com algumas cólicas, e após ir ao hospital por conta de um sangramento de 14 dias, fiz um teste para desencargo de consciência. E lá estava meu positivo.

O mundo parou naquele segundo, eu não sentia minhas pernas, eu pensava em meus pais, tão pobres, tão trabalhadores, que de tudo fizeram por mim, e agora eu teria que parar e ser mãe. Na minha cabeça era isso, minha vida estava acabada, não tinha mais jornalismo, livros, absolutamente nada. A maternidade chegou em minha vida como um fardo, naquele momento era como uma maldição.

Foi como em um filme, gritei, chorei, fiquei sem ar. Ele ficou absurdamente feliz, seria pai. E eu senti todos os medos do mundo. Essa criança não poderia existir, era um erro, precisava de outro teste. O segundo também foi um positivo, para minha imensa tristeza. Naquele momento eu tinha uma única certeza, essa criança não nasceria, eu precisava interromper isso, eu jamais poderia ser mãe aos 20 anos, sem emprego, sem casa, sem dar uma casa aos meus pais.

Foram dias de lágrimas, crises de ansiedade, e até mesmo um desejo absurdo de morrer. Todas as ligações com minha família, as visitas a eles, tudo aumentava ainda mais minha vergonha. Como eu poderia estar grávida se eu deveria me formar e retribuir todo o esforço que fizeram por mim? Como eu realizaria meus sonhos se iria precisar parar e cuidar de outro ser humano? Pesquisei todas as formas de realizar um aborto, desde comprar remédios caríssimos - que nós não tínhamos dinheiro para isso – a formas naturais. Os dias

se arrastavam como se o tempo me odiasse o suficiente para me fazer viver cada instante com aquele ser na barriga, crescendo dia após dia.

Pensei no plano perfeito! No primeiro trimestre da gestação é mais fácil perder um bebê, e eu tentei todos os chás misteriosos que a internet me sugeriu. Contar para alguém não era uma opção. O pai? Obviamente não concordava, era o sonho dele. E eu repetia todos os dias: "Sua vida não vai parar como a minha". Aos 5 meses de gestação contamos para nossas famílias, eu não sabia bem se eram cinco meses mesmo, não sabia contar as semanas. Em uma noite, quando já havia aceitado que não conseguiria me livrar daquilo, decidi que ele iria contar à família dele, elas eram da área da saúde, precisavam me ajudar a não ter essa criança. Não foi isso que aconteceu.

A pior parte foi contar à minha família. A primeira pessoa a saber foi a Amanda, não éramos próximas, ela me visitava com frequência, mas nada tão íntimo como veio a ser depois. Eu perdi o perdão por ser a vergonha da família. Quando contei à minha mãe, ela passou uma semana sem falar comigo, repetiu sobre todas às vezes que me alertou sobre isso – que foram tardias, para falar a verdade. Meu pai seria o grande problema, é meu maior medo.

Se eu pensava que a pior parte já havia passado, estava muito enganada. Foi um mês de silêncio dele, um mês de palavras duras, que dona Rosimar fazia questão de me repassar, acho que ela queria ser a única ao meu lado, mesmo que dilacerando meu coração com cada palavra terrível que ela me contava, que ele havia falado.

Eu sentia uma falta imensa de ser de novo a filha dele, de ser protegida por meu avô. De ter medo do escuro, de dormir só, de ter meu pai me protegendo das surras de minha mãe. Senti falta de ser criança, e amada. A dor de causar dor nele me matava por dentro todos os dias. Eu descobri que carregava uma menina, e já tinha, até, um nome, mesmo que seguisse torcendo para que ela não nascesse. É terrível escrever isso, e digo com meu coração em pedaços, pois quando esse livro chegar na sua mão, ela vai ter mais de dois anos, e chama mamãe da forma mais linda que eu já ouvi. Mas, naquele momento, eu não queria ser a mãe dela. Eu não poderia.

Todos à minha volta planejavam a chegada da Alice – como a do país das maravilhas. Mas era estranho pensar em amar alguém que eu não conhecia. As idas à universidade eram cada vez mais difíceis, eu queria seguir até o último segundo, não admitia que minha vida parasse. Todos os dias eram cerca de quatro ônibus, nem sempre com a possibilidade de vir ou ir sentada. Mesmo sendo uma prioridade para mulheres grávidas os assentos nos ônibus, muitas pessoas insistiam em ignorar, e eu não conseguia exigir um direito meu.

Entre a rotina cansativa de conciliar a universidade, dores nas costas, nas pernas, no coração, tinham os planos de uma casa nova, um possível casamento. Meu pai já tinha voltado a falar comigo, e fazíamos de conta que ele nunca havia me renegado, mesmo que eu ainda chorasse copiosamente nas madrugadas. Os primeiros presentes começaram a chegar, os planos eram feitos e desfeitos na minha cabeça. O relacionamento que até então era um sonho passou a me dar ainda mais medo. Será que eu viveria infeliz como eu imaginava que minha mãe havia sido?

Eram muitos medos, era como se eu vivesse em um campo minado, todos os dias surgiam novos temores. E se, após a licença-maternidade, eu não conseguisse voltar? Como pagaria as contas? Meu relacionamento iria sobreviver? Minha filha seria amada?

#### ALICE CHEGOU, E A UESPI VOLTOU

No dia 24 de outubro de 2023, a Alice nasceu. Foram horas e horas de dores, medos, gritos. O destino quis que minha mãe fosse tomada por uma gripe duas semanas antes de meu parto, ela não me acompanhou. Em seu lugar veio a Amanda, aos 17 anos, saiu correndo de União. A família de Gabriel estava presente, já tínhamos uma casa, móveis, e agora um bebê. Quando eu a vi, eu amei, e doeu mais que o parto, mais que qualquer outra dor nesse mundo, saber que eu não a desejei, não amei antes de vê-la, lhe quis mal, muito mal. E ela estava ali, tão pequena, frágil, me desejando mais que tudo, eu era agora o mundo dela.

Foram dias intensos, seios doloridos, universidade ignorada, meu futuro era ela. Seguia chorando todos os dias, eu amava tanto essa pessoinha que surgiu

repetidamente em minha vida. Após 90 dias, voltei à UESPI, e agora éramos duas em uma turma com 21 alunos. Acordava todos os dias às 5 da manhã para aproveitar a carona com minha então sogra, com minha mochila repleta de itens para Alice, e os seios cheios para amamentá-la ao longo da manhã. Assim eram os dias.

Foram aulas, provas, seminários com a pequena Alice, que rapidamente se tornou o xodó da turma. Não tinham trocadores nos banheiros, espaços para amamentar ou algo similar, e, em um grupo de muitas, procurávamos uma sala vazia para trocar a fralda. Quase todas as mulheres de minha turma faziam questão de me auxiliar, seja acompanhando para trocar a fralda, seja segurando-a durante os intervalos das aulas para que eu pudesse me alimentar.

Aos 4 meses, voltei também às minhas funções de pesquisadora PIBIC, escrevendo e estudando sobre gênero, juventude e sexualidade. A rotina se estendeu: eu, Alice e nossa mochila, que também havia crescido, saímos às 6 horas da manhã de casa e retornávamos às 17 horas. Uma rotina exaustiva, tanto para ela, que aos 3 meses de vida, tão pequena já enfrentava o mundo com a força e coragem dignas de uma heroína, quanto para mim, que, mesmo cada dia mais esgotada, seguia fazendo o mesmo que meus pais fizeram um dia por mim: andando no sol para que minha filha tivesse o privilégio de caminhar na sombra.

Aqui, pouco tínhamos do pai dela: pouco carinho, pouco cuidado, pouco amor e muitas sobrecargas. Me senti como as mulheres que eu estudava, que eram tão sós, tão machucadas, e ainda assim tão grandes. Mas seguia com a fé que tudo terminaria bem, como nos livros que eu lia na adolescência, onde a mocinha conserta a pessoa errada e vive feliz para sempre. Ao chegar em casa após um dia inteiro fora, tinham ainda as atividades da universidade para realizar, trabalhos, projetos. E também as funções de casa: o jantar que seria o almoço do dia seguinte, a louça suja, o banho da Alice e a hora de dormir, que tantas vezes tive que lutar para não adormecer antes dela.

Aos 5 meses da Alice, em dezembro, Amanda mudou para fazer parte de nossa pequena família, iria me ajudar nos cuidados com ela para eu trabalhar, e assim ela poder ter uma vida tranquila em casa, como um bebê precisa. Tinha agora

meu primeiro trabalho voltado para comunicação. Minha filha agora não seria mais tão minha, seria dividida.

E assim foi. Para ser a jornalista que sou agora, escrevendo essas páginas, perdi o nascimento dos primeiros dentes, não vi os primeiros passos, as primeiras palavras, nem tampouco pude evitar as primeiras quedas. Perdi os sorrisos, as mãozinhas agitadas que agora sabiam brincar sozinhas. Assim como todas as outras mães, que vieram antes, e até depois de mim, precisei renunciar a uma parte de minha maternidade para ser quem sou. Agora, a tia Dada — como ela carinhosamente chama minha irmã — também é a mãe Dada.

Agora eu finalmente consegui entender minha mãe, as surras, os gritos, as lágrimas, os desabafos. Não que eu concorde, sigo com a função de quebrar esse ciclo. Mas, ela aprendeu, assim, renunciou a sonhos, de uma vida talvez mais feliz, apesar de amar meu pai agora — imagino que sim — tantas vezes ouvi dela que sua vida infeliz era consequência de uma gravidez indesejada, eu. Sua rotina exaustiva, acompanhada do peso de ter abandonado tantos sonhos em prol de criar os filhos, nem sempre consegue conter as dores que carregamos.

Eu sentia que estava presa assim como ela. Uma relação que não me pertencia, o encanto acabou, o cuidado cessou, o trabalho aumentou. Como pode apenas minha vida ter mudado drasticamente? A paternidade não existia? Agora entendo como eu podia amar mais meu pai, e tantas vezes detestar minha mãe. A parte difícil era dela. Ele sorria, pagava as contas, e protegia quando estava em casa. Ela cuidava, educava, alimentava, limpava, por nós, e por ele quando chegava. Não me recordo de vê-lo lavando louça, mas, me lembro bem de minha mãe servindo o arroz com feijão — como ele chama sua refeição — todas às vezes. Sim, eu estava presa na vida que afirmei que nunca, jamais viveria.

E quando penso no meu maternar ele vem acompanhado de todas essas lembranças, e rapidamente se forma a ideia principalmente de como esse livro surgiu; mães precisam ser ouvidas! Assim como as outras mulheres aqui retratadas, eu sou porto seguro de alguém, que veio de mim — no meu caso, um bebê de quase dois anos. Todas as minhas outras funções podem ser adiadas, remarcadas, planejadas novamente, mas mãe eu sou 24 horas por dia.

Não existe um número capaz de mensurar a quantidade de vezes em que eu me senti menos jornalista por não conseguir seguir o ritmo de mulheres que não são mães, e que podem se dedicar exclusivamente à profissão. O sonho moderno de uma família tradicional, em que a mãe vê os filhos crescendo enquanto se dedica a ser ‘apenas’ dona de casa, também parece fora da realidade para nós. “Como posso ser apenas mãe sem anular a mulher e profissional que sou?”.

## Referências

BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Doença mão-pé-boca. 2018. Disponível em: <[https://bvsms.saude.gov.br/doenca-mao-pe-boca/#:~:text=A%20doen%C3%A7a%20m%C3%A3o%2Dp%C3%A9%C2%BDboca,afeta%20a%20mucosa%20da%20boca\).](https://bvsms.saude.gov.br/doenca-mao-pe-boca/#:~:text=A%20doen%C3%A7a%20m%C3%A3o%2Dp%C3%A9%C2%BDboca,afeta%20a%20mucosa%20da%20boca).)>. Acesso em: 6 jun. 2025.

CARMO, Dra. Lívia Lourenço do. Placenta. 2023. Disponível em: <<https://www.kenhub.com/pt/library/anatomia/a-placenta>>. Acesso em: 6 jun. 2025.

SUMMIT SAÚDE E BEM ESTAR. AAS: para que serve o Ácido Acetilsalicílico?. 2017. Disponível em: <[https://summitsaude.estadao.com.br/saude-humanizada/aas-para-que-serve-o-acido-acetilsalicilico/#:~:text=O%20%C3%81cido%20Acetilsalic%C3%ADlico%20\(AAS\)%2C,age%20como%20analg%C3%A9sico%20e%20antifebril.](https://summitsaude.estadao.com.br/saude-humanizada/aas-para-que-serve-o-acido-acetilsalicilico/#:~:text=O%20%C3%81cido%20Acetilsalic%C3%ADlico%20(AAS)%2C,age%20como%20analg%C3%A9sico%20e%20antifebril.)>. Acesso em: 6 jun. 2025.